

**Novelas de época e o ensino de História: “Sinhá Moça” (2006) e suas representações
acerca do processo de abolição Brasileiro**

*Soap opera and the teaching history: “Sinha Moça” (2006) and the representations of the
brazilian abolishing process*

Juliana de Almeida Freitas
Mestranda, PPGH-UDESC
freitas.ju@gmail.com

Resumo: O presente trabalho é uma socialização da pesquisa de mestrado intitulada “Novela na sala de aula: ‘Sinhá Moça’ (2006) e suas representações acerca do processo de abolição brasileiro”, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. O projeto visa analisar a novela *Sinhá Moça* em sua segunda versão (2006), como uma representação do processo de abolição brasileiro enquanto fonte para o ensino de história escolar, a partir do ponto de vista da Didática da História que considera as produções a cerca da história, sem forma científica, como agentes da cultura e consciência história.

Palavras chave: Ensino de História; Novela; Abolição

Abstract: This work is a socialization of masters research titled “Soap opera and the teaching history: ‘Sinha Moça’ (2006) and the representations of the brazilian abolishing process” of the Postgraduate Program in History at the State University of Santa Catherine - UDESC. The project aims to analyze the soap opera “Sinha Moça” in its second version (2006), as a representation of the brazilian abolishing process, as a resource for the teaching of school history, from the point of view of didactics of history which considers the production of about history, without a scientific way, as agents of culture and historical consciousness.

Key words: Teaching History; Soap Opera; Abolishing

A sociedade brasileira, em geral, é grande consumidora de Telenovelas. Elas estão diariamente dentro de nossos lares, em várias emissoras, diversos horários e com um grande leque de temáticas sendo abordadas. Nas novelas as temáticas históricas são muito exploradas, como cenário da trama ou como tema principal. Desta forma, como profissionais da história devemos perceber que as produções midiáticas que abordam a história chegam ao grande público com mais ênfase que nossas pesquisas acadêmicas e acabam construindo e a cultura histórica e a consciência histórica do telespectador.

A construção do conhecimento histórico dentro da perspectiva acadêmica utiliza

produções midiáticas como o cinema, o teatro, a música, o rádio, a literatura como fontes. Porém, a utilização das produções *mass media*, como novelas e os programas da televisão aberta não são levados em conta como fonte. Essa divisão é problemática, pois a mídia com uma abordagem mais crítica, *Cult*, tem como público pessoas que buscam um filme mais inteligente ou uma peça de teatro mais engajada. Já a *mass media*, tem como público alguém que ligou a televisão na sua casa ou local de trabalho, com a intenção de receber notícias e entretenimento, porém recebem muito mais que isso. A novela tem muita influencia nos lares brasileiros, muitas vezes ela é uma das responsáveis por perpetuar estereótipos e preconceitos, pois seu público constrói conhecimento a partir dela.

A construção do conhecimento histórico no âmbito escolar recebe muita influencia da *mass media*, mas na maioria das vezes essa influencia não é proposital, ela simplesmente acontece e não é levada em conta pelos profissionais da história.

A questão principal deste projeto é trazer a influencia das novelas com a temática da história (com ênfase na novela *Sinhá Moça*) para dentro da sala de aula, fazê-la parte da construção do conhecimento histórico de forma consciente.

A História, para além de uma ciência acadêmica ou uma ciência escolar, pode ser compreendida como um conjunto de acontecimentos, experiências e fatos cotidianos, que fogem ao controle científico desta área de conhecimento. A História é contada, narrada, analisada, sistematizada e construída por diversas vertentes, sejam elas acadêmicas ou não. Como profissionais de História não podemos deixar de analisar as elaborações da História sem forma científica, pois elas, muitas vezes, atingem mais o público leigo do que as produções acadêmicas, contribuindo para permear o imaginário popular acerca da História.

No ensino de História a questão da construção do conhecimento histórico produzido fora do espaço escolar, é mais urgente, pois os alunos certamente aprendem História para além dos muros da escola. Penso ser de fundamental importância que o professor perceba que ele não detém o monopólio da formação do conhecimento histórico de seu aluno, e que cotidianamente jogos, programas de televisão, filmes, romances, histórias em quadrinho, e tantos outros produtos midiáticos que buscam na História um enredo, são apropriados pelos alunos (assim como pelo público em geral). Por diversas vezes, esta apropriação é vista pela academia como algo negativo, que influencia tanto a reprodução de estereótipos, quanto uma visão fragmentada e linear da História. Porém, acredito que esse bombardeio midiático relacionado à História pode ser aproveitado pelo professor como uma fonte para o ensino. O

historiador Marcos Napolitano (2006, p. 237) refletindo sobre as fontes audiovisuais e musicais, relata:

a necessidade de articular a linguagem técnico-estética das fontes audiovisuais e musicais (ou seja, seus códigos internos de funcionamento) e as representações da realidade histórica ou social nela contidas (ou seja, seu “conteúdo” narrativo propriamente dito).

Devidamente analisadas, dentro dos preceitos metodológicos que fazem da História uma ciência, as fontes midiáticas inseridas no espaço escolar apresentam sustentáculos para a construção do conhecimento, e não somente alienação.

Entre os vários tipos de produções não científicas que abordam a História na mídia brasileira, os programas da TV aberta, representados com mais expressividade pelas novelas de época, tem o maior poder de penetração, devido a grande difusão da televisão em território nacional. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Pnad, realizada anualmente pelo IBGE, no Brasil, no ano de 2007, 94,8% dos domicílios possuíam aparelho de televisão¹. Dessa forma, avalio a novela de época como um leque de possibilidades para o ensino de História, pois como uma fonte comum ao aluno, terá mais facilidade para gerar debates, desdobramentos e análises mais ricas. Outro ponto importante da utilização das novelas de época em sala de aula é a sedução que ela causa, atraindo a atenção não apenas para os personagens principais e as tramas românticas, mas abarcando também questões mais curiosas das representações de um outro tempo, como o vestuário, o cotidiano da casa e as relações de gênero.

Um gênero de novelas de época muito abordado é a adaptação de romances que retratavam a sociedade escravocrata brasileira. Este gênero foi tão forte há algumas décadas que alguns estudiosos das telenovelas brasileiras, como Joel Zito Araújo², se referem a um ciclo abolicionista na televisão brasileira entre 1975 a 1989. A novela *Sinhá Moça* se insere neste ciclo, ela foi ao ar, em sua primeira versão, no ano de 1986 e pode ser considerada como “o início da tentativa de se construir uma visão equilibrada do processo abolicionista, no qual negros e brancos estariam igualmente empenhados na destruição do sistema escravocrata” (ARAÚJO, 2000, p. 216). Outra novela do mesmo período que também apresentou este

¹ Dados disponíveis em <<http://www.ibge.gov.br>>, acesso em 01/10/2010.

² Joel Zito Araujo é Cineasta, Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e pesquisador do Núcleo de Pesquisas sobre Telenovelas.

enfoque foi “Pacto de Sangue” (1989), que apresenta “uma história de orgulho racial” (Ibid., p.220).

Mesmo com outras novelas apresentando a temática abolicionista, a escolha pela novela *Sinhá Moça* foi em virtude do seu fácil acesso e recente reexibição, o que faz com que esteja na lembrança dos escolares. Além de ser baseada no romance homônimo de Maria Dezone Pacheco Fernandes, a novela teve também uma versão para o cinema no ano de 1953, uma adaptação para quadrinhos em 1986. Também uma segunda versão da novela foi gravada no ano de 2006 e no presente ano foi reapresentada no “Vale Apena Ver de Novo” da Rede Globo³.

Desta forma a novela *Sinhá Moça* (2006), através da representação dos últimos anos da escravidão no Brasil, dos ricos diálogos abordando a política da época, e da resistência escrava, se torna uma fonte diferenciada, que seduz o aluno e insere questões pertinentes à reflexão crítica da História.

O uso de novas metodologias, em especial as midiáticas, no ensino de História, não é propriamente uma novidade. Comumente vemos os professores usarem Machado de Assis para ensinar sobre a elite brasileira do século XIX, ou filmes como “A Guerra do Fogo⁴”, para “ilustrar” os homens e mulheres da pré-história. A novidade porém, se encontra na perspectiva teórica que hoje permeia a base das novas metodologias no ensino, quando aplicadas com atenção e cuidado pelo professor.

Uma questão fundamental para reconhecermos essas mudanças teóricas diz respeito à didática. Desde o século XVII quando Comenius propôs a articulação de uma didática geral, que seria a “arte de ensinar tudo a todos”, a didática ficou ao encargo dos estudos teóricos da área da pedagogia. Contudo, a partir das décadas de 1960 e 1970 na Alemanha Ocidental principiou-se a discussão sobre uma Didática da História – *Geschichtsdidaktik* - construída a partir de conceitos e métodos próprios da Ciência Histórica. Como principais teóricos desta nova área da História podem ser citados Jörn Rüsen e Klaus Bergmann. Sobre a didática da História e sua amplitude Rüsen, (2006, p. 12) afirma:

A didática da História agora analisa todas as formas e funções do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática. Isso inclui o papel da História na opinião pública e as representações nos meios de comunicação

³ Devido a reapresentação da novela e as tecnologias da internet e da TV Digital a novela pode ser encontrada na íntegra na internet.

⁴ “A guerra do fogo” (1981, França/Canadá, direção: Jean-Jaques Annud).

de massa; ela considera as possibilidades e limites das representações históricas visuais em museus e explora diversos campos onde historiadores equipados com essa visão podem trabalhar.

Este novo campo vem expandir a visão da História, mostrando para os profissionais da área que o conhecimento histórico permeia as diversas faces do cotidiano. Para melhor compreensão da amplitude da didática da história é necessário entendermos que ela vem articulada a outros dois conceitos: Consciência Histórica e Cultura Histórica. O historiador Oldimar Cardoso (2008, p.159), apoiado nas discussões de Jörn Rüsen, Bernd Schönemann e Hans-Jürgen Pandel, tenta apresentar uma definição para esses conceitos:

De um lado, a consciência histórica desenvolve-se como um “constructo individual”, “durante processos de internalização e de socialização”. De outro lado, a cultura histórica, enquanto “constructo coletivo”, “desenvolve-se no processo oposto de externalização e de objetivação.

Nesse viés, é possível afirmar que a cultura história é como uma sociedade se percebe no tempo, partindo de parâmetros coletivos como a indústria cultural. Já a consciência histórica é a forma como um indivíduo se orienta no tempo usando como referencia seu conhecimento histórico, seja esse escolar, acadêmico ou cotidiano.

O professor de história necessita atentar para o fato de que seus alunos possuem cultura histórica e consciência histórica, antes mesmo de ingressar na escola. Sobre essa problemática Luis Fernando Cerri (2001) reflete:

É importante compreender a história que se aprende fora da relação pedagógica escolar, porque esta é apenas um dos componentes do aprendizado da História por parte dos alunos: muitas das suas noções e valores sobre o tempo, sobre identidade, sobre o passado, são aprendidos antes, fora e concomitantemente ao ensino formal. Os alunos chegam à escola já carregados de uma História cujo aprendizado não foi controlado pelo professor ou pela escola, mas que teve origem na experiência pessoal, no convívio com os mais velhos, na prática da religião, no contato diário com os meios de comunicação. Contribuir para a compreensão desses processos extra-escolares de aprendizado da História é importante para a própria metodologia escolar do ensino de História, principalmente para identificar fatores que determinam, condicionam ou minam os limites de aprendizado e contingenciam a compreensão da História. A vantagem dessa concepção é a de não ignorar as relações entre a escola, a História ensinada e a cultura (principalmente a indústria cultural), que são sempre problemáticas, mas mais ainda quando são ignoradas ou postas em segundo plano.

Assumindo a perspectiva da didática da história, juntamente com os conceitos de cultura e consciência histórica, é vital que o campo escolar se torne, efetivamente, um espaço para a prática da ciência histórica autônoma, e não mais um espaço para a simplificação dos conteúdos do mundo acadêmico para o mundo escolar. É importante que o profissional de história perceba que professor de história e historiador estão sempre juntos, em uma prática profissional que não deve ser dissociada.

Pautados na idéia de que as necessidades e os objetivos do ensino de história escolar e do ensino de história acadêmico são diferentes, devemos perceber que ambas as áreas podem e devem criar seus próprios parâmetros de forma autônoma. Os estudos de André Chervel sobre as disciplinas escolares na França nos dá subsídios para perceber que a cultura escolar deve ser autônoma. No caso específico da disciplina escolar História, devemos ter em mente que não estamos formando pequenos historiadores, e sim contribuindo para a construção da consciência histórica dos alunos, como ferramentas para a inserção desses, de forma ativa, na sociedade. Esse deve ser o objetivo do ensino de história escolar, contribuir para a formação prática e cotidiana do aluno, tendo em mente as diversas didatizações da história produzidas sem parâmetros científicos que também contribuem para construção da consciência histórica dos estudantes.

O presente projeto tem como principal objetivo perceber a novela *Sinhá Moça* (2006) como uma fonte para o ensino de história. Desta forma as abordagens metodológicas que se fazem necessárias permeiam o campo teórico da análise de fonte. A partir dos 140 capítulos da novela, todos disponíveis na internet, em boa qualidade de imagem e som, pretendo analisar como o processo de abolição brasileiro foi mostrado na novela, dando enfoque para a forma como o negro é inserido neste processo. Nesse sentido, assumirei a novela como uma didatização da história, feita sem propósito científico, visando principalmente o entretenimento.

Tendo como base as discussões, principalmente de Marcos Napolitano, sobre o uso da televisão como fonte, pretendo examinar a produção *Sinhá Moça* de forma densa, procurando inseri-la na duração. Sobretudo, pela proximidade do centenário da Lei Áurea, assim como pelo crescimento do movimento negro brasileiro, que desde a década de 1970 ganha visibilidade. Observando o romance, o filme, a história em quadrinho e as duas versões da novela, quero averiguar permanências e rupturas entre as várias versões da obra *Sinhá Moça*,

a fim de compreender se os discursos acerca do negro se alteram na obra assim como foram se alterando na sociedade brasileira.

Para inserir a novela na duração utilizarei a obra de Joel Zito Araújo “A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira” (2000) e o documentário homônimo, também produzido por Araújo no ano de 2001. Buscarei perceber o contexto das produções midiáticas sobre a questão das representações do negro e como elas refletem as transformações sociais referentes a cultura afro-brasileira e o mito da democracia racial.

Utilizarei também os estudos de Canclini (1995) sobre o consumo e cidadania, para desmistificar o conceito de dominação dos meios de comunicação de massa em relação às culturas populares. Também Barbero (1997) persevera essa posição, ao afirmar que já não se trata de analisar os meios de comunicação como opressores, que impõe arbitrariamente uma massificação da cultura, sob forma de controle social; mas sim ponderar sobre como esse veículo midiático seduziu uma população, e paulatinamente, num processo social, integrou-se ao cotidiano.

Como ponto essencial para este projeto, pretendo procurar formas para que a novela possa ser utilizada na sala de aula, através de relatos de experiência, debates e publicações de pesquisadores da área. Para balizar, de forma inicial, as necessidades práticas do uso das novelas na sala de aula, utilizarei a experiência que tive através do Estágio com Docência no curso de graduação em História, onde foram empregadas novelas a fim de analisarmos questões referentes as representações da história na *mass media*. Em minha experiência pude perceber que é extremamente necessário que o trabalho com a novela seja muito bem preparado pelo professor antes do momento da sala de aula. É essencial o recorte dos capítulos em pequenas partes agrupadas a partir da temática a ser trabalhada. Também é de suma importância, como apontado por Marcos Napolitano (2003) o uso da novela em conjunto com a utilização de outras fontes, como o livro didático, uma bibliografia acadêmica, ou outra fonte pertinente, para que os alunos não sejam induzidos a perceber a novela como uma representação fidedigna da realidade. Isto tudo para que a influencia do *mass media* seja convertida em construção do conhecimento escolar, o que ocorre em um conjunto de atividades e reflexões, entre professor e alunos.

Referências

- BARBERO, Jesús Martín. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2008.
- BERGMANN, Klaus. A História na reflexão didática. Dossiê História em Quadro-Negro: escola, ensino e aprendizagem. Revista Brasileira de História. São Paulo: v.9, n. 19, set. 1989/fev. 1990. P. 29-42.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- CANCLINI, Néstor García. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995.
- CARDOSO, Oldimar. Para uma definição de didática da História. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.28, nº55, 2008, p.153-170.
- CARRETERO, Mario; ROSA, Alberto; GONZÁLEZ, María Fernanda. Ensino da história e memória coletiva. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CERRI, Luis Fernando. Fronteiras interdisciplinares no ensino da história. Trabalho apresentado no IV Encontro Perspectivas do Ensino de História. Ouro Preto, MG, 2001.
- FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2008.
- ARAÚJO, Joel Zito. A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.
- NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006, p. 235-289.
- _____. Como usar a televisão na sala de aula. Editora Contexto, 2003.
- OROFINO, Maria Isabel. Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.
- PERRENOUD, Philippe; RAMOS, Patricia Chittoni. Dez novas competências para ensinar: convite a viagem. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PINSKY, Jaime,; NADAI, Elza; MICELI, Paulo,; BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. O ensino de história e a criação do fato. Ed. rev., atual. São Paulo: Contexto, 2009.
- RAMONET, Ignácio. O poder midiático. In: MORAES, Denis de (org.). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. 2ª Ed. RJ: Record, 2004.

RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. *Praxis Educativa*. Ponta Grossa, PR. v. 1, n.2, jul./dez. 2006, p.07-16.

_____. *História Viva. Teoria da História III: Formas e Funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora UNB, 2007.

SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria de Fatima Baptista; GOUVEA, Maria de Fatima Silva. *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: FAPERJ: MAUAD, 2005.

ZAMBONI, Ernesta. *Digressões sobre o ensino de história: memória, história oral e razão histórica*. Itajaí: 2007

Sites

IBGE <<http://www.ibge.gov.br>> acesso em 06/10/2010.